

Risco para a mãe e para o bebê

Paula Ramos Sicsú, 32 anos, considera um risco trabalhar de forma presencial, especialmente no Distrito Federal, onde a taxa de transmissão do novo coronavírus cresce a cada dia. Os riscos, explica a professora de biologia, vão desde contrair o vírus e desenvolver uma versão mais grave da covid-19, com possível internação, até óbito da gestante/puérpera e também do feto/neonato.

“Fico contente em dizer que passei todo o período da gravidez em home office. Por mais que seja desafiador dar aula a distância, foi um grande alívio me proteger melhor do risco”, diz a docente, que acabou de dar à luz a Nina.

Foi difícil não ter esse contato que só a sala de aula possibilita. Ela afirma ter sentido uma dificuldade maior ainda, pois, como professora de biologia, precisava levar seus modelos didáticos, o que foi limitante. “No entanto, foi necessário, e sei que sou sortuda”, reconhece.

Sobre o projeto de lei do deputado Tiago Dimas (Solidariedade-TO), que pretende trazer grávidas vacinadas aos seus postos de trabalho, a bióloga considera lamentável a iniciativa. Vacinas são estratégias de proteção coletiva, “o que, infelizmente, ainda não é o caso”.



Paula Ramos não trabalhou presencialmente em nenhum momento. No seu colo está a recém-nascida Nina

Linha de frente

Letícia Alves, 31 anos, nome fictício, que é enfermeira em um emprego e técnica de enfermagem em outro, acaba de entrar no seu oitavo mês de gravidez, mas, durante três deles, trabalhou presencialmente se expondo ao risco de contaminação em uma de suas ocupações.

Quando a enfermeira completou o terceiro mês de gravidez, saiu o decreto que determinou o afastamento de gestantes do trabalho presencial. Antes disso, uma das empresas colocou Letícia na área administrativa. No outro local, no entanto, ela permaneceu na linha de frente.

Ao ser questionada se se sen-

tiu insegura ao trabalhar grávida em dois hospitais, a jovem lembra que, no Brasil, o número de mortes de gestante por covid-19 foi um dos maiores do mundo. “Geralmente, em hospital particular, não há um controle de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Não é todo setor que tem a obrigação de usar a

máscara adequada, que é a PFF2 ou a N95. Então, isso deixa a gente muito exposto”, explica.

Segundo ela, o medo é para todos que trabalham com pessoas diretamente, mas quem está na área de saúde, o risco é muito maior. “Foi comprovado, cientificamente, que grávidas têm o sistema imunológico mais

fraco do que o de pessoas não grávidas. O corpo fica mais lento para combater o vírus”, diz.

Letícia acrescenta que a vacina não é capaz de proteger totalmente o ser humano. “Em razão de ficarmos mais vulneráveis com a covid-19, acho um risco gestantes, mesmo vacinadas, voltarem a trabalhar”, finaliza.